

CONSELHO DE CLASSE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Denis de Oliveira Silva¹
Sasquia Vieira²

RESUMO

O conselho de classe no Ensino Médio Integrado é uma representação da democracia dentro do espaço escolar, em que todos construtores do processo de ensino e aprendizagem possuem ou deveriam ter a oportunidade de serem ouvidos e contribuir com esse processo de maneira plena. O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de realização do conselho de classe no âmbito do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Trata-se de um relato de experiência com suportes bibliográfico e etnográfico à educação, com tipo de Pesquisa Qualitativa. O Conselho de Classe é um processo essencial no desenvolvimento escolar, mas pouco aproveitado, acontece mais como uma disputa de poderes e cumprimento da resolução que obriga a sua realização, infelizmente o essencial é deixado de lado, como a construção de metodologias didáticas para articular o ensino e aprendizagem, a reflexão sobre a práxis escolar, a partir dos próprios sujeitos construtores do processo.

Palavras-chave: Conselho de classe, Ensino e aprendizagem, Democracia, Ensino Médio Integrado.

INTRODUÇÃO

O conselho de classe é um dos momentos essenciais que a escola possui para discutir, avaliar e pensar ações visando o processo ensino e aprendizagem. A democracia adentra o espaço escolar, de maneira em que todos têm a possibilidade de observar, verificar o processo como um todo e refletir juntos, sendo apontamentos essenciais para o fazer educação escolar, seja democrático, ouvindo os anseios da comunidade escolar, como a localidade em que a escola está inserida, sempre pensando nas problemáticas locais, para que possam agir no local em que vivem dialogando com o global.

A construção da democracia dentro da escola é um processo lento, porque são relações interligadas a sociedade, e uma sociedade enquanto Estado, como a brasileira, a democracia ainda não possui bases em que todos participem sem serem hostilizados, a partir do que pensam e vivem.

A democracia como o ensino público é uma relação imbricada de poder (APPLE, 2008), em que muitos casos os diretores de escolas públicas são cargos de confiança, que

¹ Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, denis89pin@gmail.com. Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. Pedagogo no Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

² Acadêmica de Pedagogia UFAM.

reflete no dia a dia escolar, como vigias para garantir o controle das ações do espaço, enquanto política partidária, e em outros casos quando eleitos defendem os interesses dos que estão apoiando suas ações e compartilham do seu pensamento, deixando pouco espaço para aqueles sujeitos que não concordam com o pensamento que está gerenciando a escola, poucos são os gestores que articulam os espaços escolares pensando na coletividade, para transformar o ambiente social, a partir, de ações integradoras com a comunidade local.

As relações democráticas possibilitam a participação dos sujeitos no processo de construção da sociedade e da instituição das quais estão, mas que muitas vezes não é possível por conta de micropoderes presentes nestas relações, impedindo uma participação plena dos sujeitos no processo de construção da escola.

Este artigo é um relato de experiência vivido em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, com o enfoque etnográfico na educação (MATTOS, 2011), no local de realização do conselho de classe e a vida cotidiana da instituição, durante 3 anos de experiência trabalhando e atuando como pedagogo na instituição. Como tipo, a Pesquisa Qualitativa (SANDÍN ESTEBAN, 2010), por dá importância a dinâmica as representações, compreensões do objeto vivenciado, que contribui para mudanças de sentidos e significados sobre as práticas realizadas nos cotidianos escolares.

O ensino médio integrado, surge para integrar a formação geral com a profissional, possibilitando ao estudante uma formação para o mundo do trabalho e principalmente para a vida, mas que na prática acontece o inverso, a formação para o mercado de trabalho, muitos estudantes e professores não compreendem a formação integral no sentido omnilateral.

Integração que aconteça no cotidiano da escola, como partindo do ontológico, epistemológica seja uma rede de relações, os estudantes percebam suas existências como essencial no mundo, que formam interligações existenciais com a ciência, cultura e trabalho, construtores da sociedade.

Com destaque para o significativo avanço conceitual, mantém-se, porém, a ideia de se relacionarem situações reais existentes nas práticas sociais concretas ou simulações com os conteúdos das disciplinas. Na integração que sustenta a concepção de ensino médio integrado não se prevê somente a relação entre situações e conteúdos de ensino, mas os próprios conhecimentos são tratados como um sistema de relações.

(RAMOS, 2011, p. 770).

A efetivação do currículo transformado na prática de sala de aula muitas vezes, como o elemento neutro e que não influencia o cotidiano dos estudantes (SILVA, 2010), e que precisa apenas instrumentalizar o conteúdo e o ensino que a aprendizagem ocorrerá, sem levar

em consideração o contexto social e cultural dos estudantes e muito menos dos sujeitos da comunidade local.

Ensino Médio Integrado: relações em construções com o trabalho, cultura e ciência

O ensino médio o nível de ensino final da educação básica, passa por muitas discussões e reformulações, através de variadas considerações, na qual o Ensino Médio deve formar o ser humano no seu sentido integral, em que perceba não apenas a importância de trabalhar para sobreviver, mas compreenda o sentido do trabalho, as razões da ação de trabalhar, entenda a cultura como sentido pleno do ser humano. Nesse sentido, para construção de possibilidades de percepções de mundo com e para os jovens surge o Ensino Médio Integrado, para construir um ser humano pleno, integral, omnilateral (RAMOS, 2014).

A construção do Ensino Médio Integrado, requer que não seja apenas pedagógico, mas ético-político, epistemológico, cultural para que não caia no reducionismo de apenas a prática de sala de aula é suficiente para a efetivação do ensino integrado, requer compromisso social e transformador do local em que vivem, investimentos do poder público com este tipo de ensino.

Nesse período que estamos vivendo, os cortes de gastos público, o congelamento por 20 anos, o que fazer no cenário desse conturbado, em que os investimentos precisam acontecer.

A construção coletiva de práticas de educação, a partir das bases é fundamental, para uma educação democrática, em que a diversidade seja o primordial na sociedade, em que os sujeitos transformem decisões tomadas unilaterais vistas nos últimos anos, em espaços de construções dialógicas.

A realidade local é fundamental para a realização do ensino integrado, para que esteja vinculado ao mundo em que os estudantes vivem, seja pensado na articulação do conhecimento adquirido com suas vidas, assim, como o professor precisa conhecer as realidades do contexto em que a instituição está situada, para que exista relações de trocas de saberes entre o saber científico com o local.

Estas relações são ações de práxis que precisam ser compreendidas além das quatro paredes da sala de aula de cada professor, gestor, coordenador pedagógico, surge a necessidade da construção de um ensino que dialogue com a sociedade, juntamente com as problemáticas locais vinculadas as globais, não esteja fechado nas hierarquias de uma

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

disciplina ser mais importante que a outra (RAMOS, 2014), como muitos profissionais da educação pensam que uma disciplina é mais importante, manifestado no cotidiano das escolas, em que os estudantes devem se *virar* para dar conta destas disciplinas, elegendo de maneira objetiva ou subjetiva qual disciplina deve dar mais importância, como um equilibrista na corda bamba pra não cair.

A ausência de relações com o ambiente de vida ajuda o estudante a não compreender a importância da escola em sua vida no ambiente em que vive.

O ensino integrado indica que precisa existir a interação com o meio social que o estudante está inserido, como a escola a comunidade que está ao seu redor, mas há relações que não permitem a interdisciplinaridade por conta da falta de compreensão filosófica, epistemológica, que precisa chegar as salas de aula de todas as disciplinas.

A dicotomia entre a base nacional comum curricular com a base técnica, tecnológica é um dos desafios que precisam ser pensados para vencer a separação imposta muitas vezes pelos próprios profissionais que atuam no ensino integrado, a falta de diálogos entre os profissionais dificulta atividades integradoras.

Do ponto de vista prático, os educadores brasileiros do ensino médio e da educação profissional, assim como a própria sociedade em geral, não incorporaram como sua a concepção de ensino médio integrado na perspectiva da formação omnilateral e politécnica. Ao contrário, predomina uma visão retrógrada vinculada ao ensino médio profissionalizante e compensatória ou, ainda, a defesa de um ensino médio propedêutico e da profissionalização como processo específico e independente (RAMOS, 2011, p. 784).

A realização da concepção de ensino médio integrado na prática do cotidiano da escola é uma filosofia de educação diferente daquilo tudo que já foi realizado na história da educação brasileira, precisa-se de amplos debates, diálogos nas licenciaturas para que os professores em formação compreendam essas relações de educação quando virem atuar na educação tecnológica e profissional nos Institutos Federais, neste tipo de ensino também há os professores que vieram das graduações dos bacharelados, na qual só possuem como referências os professores que passaram pela formação do nível básico ao superior, não se debruçaram sobre o que é educação, ensino e aprendizagem, uma dificuldade que também enfrentamos, por conta que precisa-se haver uma formação inicial de formação de professores para esses profissionais atuarem, compreendem o ensino como Ramos aponta, propedêutico, descontextualizado que o esforço de aprendizagem é somente do estudante, e única preocupação dele é a parte do ensino, preparação do conteúdo.

Realidades e Perspectivas do Conselho de Classe no Ensino Médio Integrado

O processo de realização do conselho de classe, surge a partir da necessidade de toda a comunidade escolar participar do momento de pensar a escola pública, e traçar metas, objetivos que visem o ensino e aprendizagem dos estudantes.

O objetivo da implantação desta instância avaliativa no sistema de ensino francês, segundo Rocha (1982), era o de organizar um sistema escolar fundado na observação sistemática e contínua dos alunos, com vistas a oferecer a cada um deles o ensino que corresponde a seus gostos e aptidões (FERNANDES, 2007, p. 265).

O conselho de classe momento que é fundamental na realidade da escola, para que todos possam refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem. É a oportunidade que os profissionais da educação possuem em avaliar, pensar e agir sobre sua prática como a aprendizagem em que os estudantes estão adquirindo.

O conselho instituído para avaliar e propor metodologias de ensino para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem no Ensino Médio Integrado, que são reflexões e ações não tão aproveitadas no cotidiano escolar, não afeta diretamente a aprendizagem dos estudantes, por conta da discussão embasar apenas os alunos que vão bem e mal, e problemas físicos da escola, sendo insatisfatória o adentrar a sala de aula, compreender a ação didática do professor, como os estudantes buscam a aprender.

O Ensino Médio Integrado acontece de forma integradora entre a Base Comum Curricular e a Base técnica, tecnológica de cursos em variadas áreas. A concepção de Ensino Médio, surge da necessidade de ofertar formação técnica e tecnológica para adolescentes, jovens e adultos, exigências em determinadas áreas do mercado de trabalho, mas que essa modalidade de ensino, não visa apenas isso, mas, a formação para o mundo como cidadão que compreenda as relações do trabalho humano nas suas diversidades, como prever no Art. 1 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96.

O desafio dessa modalidade de ensino é instigante, seja pela falta de tempo no calendário carregado de carga horária, diversas disciplinas em torno de 16 a 20 disciplinas durante o ano letivo, em que os estudantes precisam obter média seis em cada bimestre em todas as disciplinas para obter a aprovação no ano correspondente.

A delimitação de cargas horárias para a formação geral e a profissional, por exemplo, é um problema. O recorte e a pré-determinação de cargas horárias destinadas a cada dimensão da formação podem causar dualismo e superposições, comprometendo-se a integração (RAMOS, 2011, p. 777).

A concepção de ensino médio integrado, é a construção de ser humano omnilateral, construído na participação entre a educação, ciência, tecnologia, cultura e sociedade, que possa ter uma percepção do mundo em construção, por meio do olhar e de sua atuação politécnica.

Essa construção de um ser humano, é um processo amplo que precisa ser construído no cotidiano da escola que oferta a integração, a partir da essência dessa modalidade de ensino. No processo em que os sujeitos professores percebam a diferença dual sócio histórica da educação interligada ao trabalho, para que haja a superação da visão fragmentada entre o ensino chamado propedêutico e técnico, no qual ficaram conhecidos no decorrer desta oferta de ensino.

A partir, destas percepções é construído uma resolução para embasar as realizações do conselho de classe no Ensino Médio Integrado em um Instituto Federal.

Há uma resolução que embasa os procedimentos do Conselho de Classe, onde trata de como deverá ser realizado, o que deve se proceder, como serão feitos os encaminhamentos, quem pode participar, quem são os sujeitos que possuem falas.

As datas dos conselhos de classe, precisam estar previstas no calendário acadêmico do Campus. Nesta resolução estão os procedimentos de sua realização no conselho diagnóstico e prognóstico.

Essa jornada é duplicada em dois turnos, em que os estudantes precisam estudar, repor as energias no intervalo de duas horas, para que tenham forças físicas, psicológicas para enfrentar o horário da tarde.

A maioria vai descansar em casa, alguns vão no ônibus da instituição, muitos vão de transporte próprio e outros ficam na própria instituição. A estrutura física do prédio não oferece aos estudantes o descanso necessário, como não há vestiários, nem sala de descanso, como também as salas de aula, locais em que os estudantes teriam onde descansar ficam trancadas.

A educação sendo tratada por muitos mecanismos governamentais como gastos, reflete o descaso com a potencialidade que o país possui em ciência e tecnologia, isso não é por acaso, é um projeto de sociedade em que o público é negado como algo supérfluo.

Os Institutos Federais surgem com o intuito de criar, inventar, construir tecnologia e ciência no país, mas por condições financeiras, de investimentos, vontades de professores pesquisadores, currículo carregado de horas aula, a disputa de qual base é mais importante a técnica ou a base comum no dia a dia, uma série de considerações que prejudicam em que alcance o status de referência em ciência e tecnologia no país e na América Latina. A

instituição produz ciência e tecnologia, mas de forma tímida, distante do que poderia realizar enquanto o nome que carrega ciência e tecnologia.

Esta relação é por meio de um currículo tradicional, embora o nome dado ao nível de educação seja Ensino Médio Integrado, uma construção que na prática é inexistente.

“O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz” (SILVA, 2010, p. 27).

O currículo do Ensino Médio Integrado, é um desafio praticá-lo por conta da interdisciplinaridade nas disciplinas e o diálogo entre os cursos, que são ações pouco praticadas, incentivadas muitas vezes simbolizadas por rivalidades entre os cursos. A ausência de compreensão de refletir sobre a importância do outro, faz com que os cursos não se ajudem ou dialoguem para promover ações integradoras que transforme a localidade em que a instituição está localizada.

Esse currículo que produz e nos produz como aponta Silva (2010), produz compartimentação no ato de aprender, acirrando a ingenuidade de compreender, achar um curso técnico é melhor que o outro, temos três cursos técnicos, tecnológicos na modalidade ensino médio integrado, que são Administração, Agropecuária, Informática, há disputas entre os estudantes, que acreditam estar no melhor curso, desvalorizando o outro, não percebem a importância dos cursos para a sociedade e para a localidade em que vivem.

A relação dos estudantes entre si não é uma relação de cooperação, mas de disputa para demonstrar quem será o “melhor”, o mais forte, poucas atitudes solidárias é praticado entre os estudantes. Não procuramos culpados neste processo, mas reflexão de transformação em uma sociedade e uma educação que seja solidária e que trabalhe cientificamente o conhecimento, não como uma busca de aprovar e reprovar alunos.

O ensino escolarizado do Ensino Médio Integrado precisa desconstruir a percepção de que o estudante está na escola para ocupar um lugar na sociedade e que o colega é seu rival que no processo precisa ser eliminado, mas colocar em prática a percepção do que é integrado

A compreensão desse currículo que forma para a competitividade que vê o outro como concorrente em potencial, esquece da solidariedade em que juntos podem transformar a realidade em que estão, como também formar grupos de estudo para compartilharem o conhecimento juntos.

O currículo escolar do ensino médio integrado, precisa pensar na essência da sua construção, em que pensava em um ser humano completo, sócio-histórico que luta pela sua transformação de maneira coletiva, envolva a comunidade em que vive. Mas, um sistema de

ensino que não promover a condição de formar um ser humano que compreenda o mundo em que vive, o mundo do trabalho, entenda que a sua formação não é apenas para aprender a fazer, mas pensar nos interesses sociais, econômicos e culturais.

A percepção que muitos estudantes, professores, dirigentes possuem do ensino ainda é a dualidade entre ensino propedêutico e técnico/tecnológico. Infelizmente, muitos profissionais que atuam neste tipo de ensino, ainda não compreendem a intenção histórica do nome do ensino chamado propedêutico.

Essa percepção sutilmente, para alguns não há influência na sua prática diária no Instituto, mas que no discurso e na realização do trabalho cotidiano, influencia diretamente na postura e na maneira de realizar o trabalho destinado dentro da docência, como na gerência e suporte do ensino e aprendizagem.

A construção do conhecimento nesta modalidade de ensino, é um processo em construção, cheia de percalços, seja financeiro, social, do currículo.

O currículo neste nível e nesta modalidade, é carregado de disciplinas que muitas vezes não dialogam, dificultando ainda mais o processo formativo do estudante. As relações entre currículo, trabalho e cultura, precisam estar mais próximas, em uma relação de diálogos que podem nos dá referências em como realizar o processo de ensino e aprendizagem.

A construção do currículo escolar na vida do estudante é um processo de luta pelo conhecimento, em que muitos momentos os sujeitos não percebem para quem serve, a quem serve o conhecimento que estão adquirindo, pois a ansiedade para concluir o curso por parte dos estudantes, os faz menos reflexivos no que irão fazer após a conclusão do Ensino Médio Integrado, esse tempo normal que possuem que são três anos, da qual o currículo os obriga a integralizar nesse período, representa na vida do adolescente o alívio social, com os pais, familiares, amigos e socialmente, possuindo o dobro de tempo para finalizar o curso que seriam seis anos.

O período de integralização do curso passa a ser um alívio e ao mesmo tempo liberdade, felicidade após concluir essa etapa da escolarização, a escola os impulsiona a pensar nesse tempo de integralização do ensino médio a um custo alto de vida. A formação para os estudantes não passa por processos de reflexão, mas de conseguir avançar para o próximo ano, como um jogo, que quem ficar de ano ou é reprovado é fraco, desinteressado.

[...] enquanto o sucesso escolar requer uma mobilização intelectual do aluno, este vive a escola cada vez mais na lógica da nota e da concorrência e cada vez menos na da atividade intelectual. Não vai à escola para aprender, mas para tirar boas notas e passar de ano, sejam quais forem os meios utilizados, às vezes, com respaldo dos pais (CHARLOT, 2013, p. 108).

A mobilização intelectual colocado por Charlot (2013), é uma ação de conquista processual de desconstruir a concepção de ir a escola como castigo, para agradar os pais, a escola seja um lugar de vida, de buscas constantes pelo aprendizado.

O cotidiano na sala de aula é praticado por relações de poderes, em que a nota é o juiz, que determina quem é bom aluno e mal aluno. O estudante nesta relação não se importa com o conhecimento adquirido, mas com a nota que obterá, na qual será suficiente ou não para avançar no jogo da integralização do curso de ensino médio integrado.

O conhecimento para muitos estudantes não é o foco principal, mas o que precisa fazer estudar para adquirir a nota e conseqüentemente ser aprovado na matéria. Essa simbolização da prática curricular realizada pelo estudante, não nasce de imediato na concepção de vida é um processo de escolarização adquirida no decorrer da trajetória na escola.

O perfil dos estudantes são diversos dos cursos no nível do Ensino Médio Integrado no campus, são três Informática, Administração e Agropecuária.

Os perfis dos estudantes que adentram os cursos técnicos, tecnológicos de Nível Médio são diversificados, pois, são estudantes de diferentes contextos sociais, que vieram de escolas diferentes, ou seja, escolarizações diversificadas, que precisam serem refletidas no processo de formação destes.

Relações experienciadas no decorrer do Conselho de Classe

O conselho de classe acontece através de relações de poderes micro em que Foucault (2010), aponta como sutis, muitos dessas relações acontecem em sala de aula. O diagnóstico como se fosse um pré-conselho acontece entre os estudantes e o professor conselheiro, em que são levantadas as situações de todo o processo de ensino e aprendizagem do bimestre, isso é feito durante os três primeiros bimestres, no quarto é o conselho final.

O conselho de classe no Instituto Federal de Educação, são quatro conselhos, sendo três para avaliar e construir o processo de ensino e aprendizagem e o último para aferir aprovado e retido nas disciplinas ou no ano letivo, o processo acontece uma vez a cada bimestre, sendo três prognóstico e diagnóstico e o quarto chamado de conselho final.

O contato antes do conselho de classe na data oficial, acontece entre os docentes conselhos, que são professores escolhidos pelas turmas através do voto. Os docentes conselheiros possuem como responsabilidade acompanhar esta turma, como o sujeito que vai ser mais sensível as peculiaridades da turma. Mas, que na prática muitas vezes não é realizado, muitos conselheiros só sabem que são, na véspera do primeiro conselho de classe.

Esta postura atrapalha todo o processo educacional, a ausência muitas vezes de base epistemológica atrapalha a compreensão do como realizar, construir um ensino integrado, representando um contínuo recomeço de tudo que é realizado no instituto. A sensação da integração em equipe fica distante das realizações de integrações de trabalhos de ensino e aprendizagem, trazendo consequências na pesquisa e extensão, vínculos enfraquecidos pela falta de diálogos entre os profissionais presentes na instituição.

A entrada de sujeitos que não tinham condições antes de estarem na escola, não por condições de aprendizagem, mas por processo de negação de educação, privilegiando apenas aqueles que tinham pose. O estar destes sujeitos antes excluídos socialmente e economicamente do processo educacional, estão tendo acesso ao ensino público, não garante a aprendizagem e nem a permanência deles na escola, o aumento ao acesso é uma política de aumentar o número de vagas, mas que deixa de assegurar a permanência do estudante.

A chegada dos setores populares à escola pública vem mostrando que a construção de um sistema público não passa apenas pela democratização do seu acesso, mas por construí-lo na lógica do público e na lógica dos valores privados do mérito ou da concorrência, da reprovação, segregação. Como não passa também por condenar essas infâncias ao simples aprendizado de competências elementaríssimas para trabalhos precaríssimos ou para uma sobrevivência imprevisível. O problema não está em termos um sistema público, mas em que os coletivos socializados na lógica do privado, do mercado, cheguem a um sistema construído em nossa história na lógica do privado e nela sejam socializados. Os processos seletivos, reprovadores de milhões de adolescentes e jovens e até de crianças ao chegarem às escolas públicas, são um atestado de que a democratização de seu acesso não representa a consolidação de um sistema público. As lógicas hierarquizantes, ranqueadoras dos educandos e de coletivos sociais e raciais, não são lógicas do público (ARROYO, 2013, p. 668).

A chegada desses coletivos a escola, trouxe consigo suas culturas, da qual são incompreendidas dentro do espaço escolar burocratizados, que ver os alunos, como um sujeito sem luz, que está ali, para ouvir as verdades, e aprender o certo, dividir o mundo em dois polos o certo e errado, a partir, de ideologias hegemônicas.

O mundo é diversificado, numa relação de pós-modernidade, outros sujeitos adentram os espaços públicos, como portadores de direitos adquiridos por meio de lutas sociais, e a educação é um desses direitos na contemporaneidade. A educação precisa ser entendida pela sociedade que é um direito de luta e não um benefício, mas de luta de adentrar o espaço escolar para adquirir conhecimento, sentido que nos possibilita em dialogar as políticas de permanência deste estudante no Ensino Médio Integrado.

Há muitos conflitos internos que atrapalham o andamento do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, que precisam ser dirimidos através de rodas de conversas, promoções de eventos interpessoais.

A tática de apontar os erros no Conselho de Classe é recorrente, na qual não existe uma equipe que trabalhe de maneira democrática e sim de maneira impositiva de chefias que decidem o que deve ser feito, na qual gera problemas de atividades, porque não há diálogos em que busque a melhor realização do ensino médio integrado, temos a sensação de todo ano que o trabalho não foi realizado com todo o potencial que a equipe docente e pedagógica pode realizar.

Precisa-se olhar a democracia dentro do espaço escolar e torna-la real dentro desse espaço, se não nunca haverá uma formação omnilateral para os estudantes, sempre compreenderão que uma disciplina é mais importante que a outra.

A formação do estudante precisa ser integral, onde perceba as relações do mundo, saiba identificar as problemáticas do seu entorno e transforme os conhecimentos adquiridos na escolarização como ponto de referência de conhecimento.

Essa articulação o estudante deverá construir no cotidiano significando o aprendido na escola com o lugar em que vive, e o professor nesta relação é um sujeito importante nesse diálogo, na qual precisa perceber na sala de aula e contribuir com práticas que sejam coletivas e demonstre a importância do outro em todas atividades da vida como da sala de aula, incentive atividades que integrem a interação coletiva entre os estudantes.

Considerações finais

O Ensino Médio integrado é uma constante busca pela integração, seja na política de fazê-la existir ao cotidiano da escola, desafios que são somados com a contribuição que Instituto Federal possui para a formação de estudantes críticos que desde a adolescência adquirem uma formação integral, compreendam o mundo de trabalho e sejam construtores de cidadania e democracia nos lugares em que atuarão.

A busca pelo um ensino e aprendizagem mais próximos das realidades identificadas nos cursos, sejam construídas em coletivo de maneira dialógica, a partir de uma didática crítica que busque problematizar a sala de aula, os assuntos abordados e leve os estudantes a perceberem e atuarem nas realidades locais por meio dos conhecimentos das disciplinas dos cursos oferecidos.

O conselho de classe é um dos momentos que a instituição possui para auto avaliação que precisa ser mais aproveitado pelos sujeitos que fazem parte, compreender que esse momento é salutar na vida da escola, onde teremos referências para dá mais sentido e significâncias para a construção da educação tecnológica na localidade.

A instituição precisa realizar constantemente formações iniciais e continuadas, sejam marcadas em calendário como um programa, onde os professores e demais profissionais possam está em formação para melhorar suas ações enquanto docentes e profissionais.

O diálogo e o respeito entre todos os profissionais é necessário para que seja possível aproveitar este momento e traçar trabalhos por meio das informações tecidas neste momento, estejam dispostos a construir uma educação que venha transformar o local e a vida das pessoas.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo** [recurso eletrônico]/ Michael W. Apple; tradução Vinicius Figueira. – 3. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

ARROYO, Miguel G. Reinventar a política – Reinventar o sistema de educação. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 124, p. 653-678, jul.-set. 2013. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. – São Paulo: Editora Cortez, 2013.

FERNANDES, Suzana Beatriz. Conselho de classe: os micropoderes da avaliação. **Diálogos.**, Canoas, n. 11, p. 263 – 274, jul-dez, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. – Lisboa/Portugal: Edições 70, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: _____. CASTRO, Paula Almeida de (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio Integrado: Da conceituação à operacionalização. **Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES**, Vitória, ES, a. 11, v.19, n. 39, p. 15 – 29, jan./jun. 2014.

_____. O currículo para o Ensino Médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. **Educação & Sociedade**, vol. 32, núm. 116, julio-septiembre, 2011, pp. 771-788.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. – Porto Alegre: AMGH, 2010.

SILVA, Tomaz da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. – 1. ed., 4. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.